ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO MUSEAL E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DOCENTE NOS ESPAÇOS MUSEAIS

Rafael Dias Silva [1]
Lilian Maria Ghiuro Passarelli[2]

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na interseção entre Educação Museal e Formação Docente, partindo do princípio de que os museus são espaços fundamentais de aprendizagem não formal que enriquecem o processo de ensino e ampliam o repertório cultural. O foco do trabalho é estreitar a ligação entre o quotidiano escolar e estes territórios educativos, articulando a teoria pedagógica com as experiências práticas no museu.

A investigação fundamenta-se na trajetória do próprio pesquisador, que reúne bagagem no ensino de Ciências da Natureza, formação em Letras e experiência na formação de professores na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Desde 2021, essa atuação foca-se na educação museal, com destaque para a parceria com o Museu da Língua Portuguesa, envolvendo a elaboração de materiais didáticos, a condução de visitas monitorizadas e a gestão de formações contínuas a nível nacional e internacional.

Com base nessa caminhada, o estudo investiga como a educação museal pode alavancar as práticas docentes e criar oportunidades não formais de aprendizagem. Analisam-se as ações pedagógicas desenvolvidas antes, durante e depois das visitas

[1] Mestrando em Formação de Formadores (Formep), turma 14, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Especialista em Educação Inclusiva e Gestão Museal, Graduado em Ciências da Natureza pela Universidade de São Paulo (USP) e em Letras/Libras. Professor de Libras na Faculdade Anclivepa - SP e Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) no Brasil e na França. E-mail: rafael.dias.silva@alumni.usp.br;

[2] Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação de Formadores - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: lghiurop@puscp.sp

educativas, bem como as necessidades e lacunas na formação dos professores para atuar em espaços não formais.

A questão norteadora do trabalho é: Em que medida a educação museal e a realização de visitas educativas planeadas podem potencializar as práticas pedagógicas e superar as lacunas na formação docente para o uso de espaços não formais?

O aporte teórico baseia-se nos conceitos de educação museal, mediação cultural e desenvolvimento profissional docente, com o objetivo final de propor estratégias práticas que aprimorem as visitas educativas e consolidem formações verdadeiramente transformadoras.

METODOLOGIA

A presente investigação qualitativa, em andamento, adota a pesquisa-ação como abordagem metodológica, fundamentada na perspectiva de Thiollent (2011, p. 20), que a conceitua como uma "pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo". Essa abordagem permite que o pesquisador atue de forma participante e mediadora no Museu da Língua Portuguesa, articulando a práxis docente às potencialidades do acervo.

A) Procedimentos de Produção e Coleta de Dados

A produção de dados qualitativos foi estruturada em três momentos complementares, denominados simbolicamente como "Atos":

- **ATO 1 – Experiência Sensível com o Museu:** Fase inicial voltada à visita técnica e à aplicação de formulário diagnóstico (Google Forms) para mapeamento do perfil docente, histórico de visitas, necessidades formativas e impressões iniciais dos participantes.
- **ATO 2 – Atelier Pedagógico:** Fase de desenvolvimento da ação colaborativa, na qual se elaboraram roteiros didáticos adaptados aos componentes curriculares. Realizou-se a visitação com os estudantes e a aplicação de grupo focal com os professores, além de questionário semiestruturado.
- **ATO 3 – Performance de Desdobramento:** Etapa de consolidação e avaliação pós-visita. Consiste na análise das produções pedagógicas

desenvolvidas pelos professores em sala de aula e na aplicação de questionário final com perguntas abertas e fechadas.

B) Contexto da Pesquisa e Sujeitos Participantes

A pesquisa contou com a participação de 33 docentes da Educação Básica das redes pública e privada de ensino, além de 13 mestrandos do Programa de Educação: Formação de Formadores (Formep/PUC-SP) em parceria com o Fundo Itaú Social. Cabe registrar que uma das escolas públicas participantes esteve presente apenas no ATO 1, em razão de entraves logísticos relacionados à indisponibilidade de transporte escolar para o deslocamento dos estudantes no ATO 2.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o papel social e pedagógico dos museus, é fundamental desconstruir a visão simplista que os situa apenas no campo do lazer contemplativo. Na realidade, o museu emerge como um território híbrido, capaz de transitar e integrar as esferas da educação formal (sistematizada e curricular), não formal (intencional e organizada fora do ambiente escolar) e informal (processo espontâneo da experiência cotidiana).

Coombs e Ahmed (1974) sistematizaram essa distinção conceitual ao afirmarem que

> [...] a educação formal compreenderia o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade. A educação não formal é toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis e a educação informal um processo que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio (Coombs; Ahmed, 1974, p. 27).

No âmbito normativo, o Parecer CNE/CP nº 4/2024 reforça a dimensão metodológica da docência ao ressaltar:

> [...] o exercício da docência como ação educativa, a partir da condução de processos pedagógicos intencionais e metódicos, os quais baseiam-se [sic] em conhecimentos e conceitos próprios da docência e das especificidades das diferentes áreas do conhecimento, incluindo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diferentes

> linguagens, tecnologias, evidências científicas e inovações (Brasil, 2024, p. 2).

A articulação entre essas esferas exige que o docente formador compreenda os espaços museais não como meros locais de visitação recreativa, mas como territórios de aprendizagem que complementam a teoria. Conforme adverte Hooper-Greenhill (1998, p. 11), “todo o processo de comunicação atua como um conjunto de mensagens intencionadas, que também pode ser entendido como um conjunto de mensagens não-intencionadas”. As mensagens não intencionadas emergem no decorrer da exploração sensorial e das interações vivenciadas pelos sujeitos.

À luz da teoria sociocultural de Vygotsky (1987), as interações mediadas pelos objetos e acervos nos espaços educativos não formais atuam na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), impulsionando a formação de conceitos científicos. Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Dewey (1918), que já apontava a necessidade de examinar a educação mais ampla e eficiente propiciada pelo curso ordinário da vida para iluminar os procedimentos de ensino no contexto escolar.

A Resolução Normativa nº 40 do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) sinaliza a educação museal como

> [...] função essencial dos museus e prática interdisciplinar que visa propiciar reflexão e formação integral a públicos visitantes, potenciais e não visitantes pela ativação do conteúdo museal em vivências culturais mediadas, dialógicas e acessíveis. É constituída pelo conjunto de abordagens teóricas, metodologias e instrumentos próprios à pesquisa, ao planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas, em articulação permanente com comunidades, museus, centros culturais, pontos de memória e demais processos museológicos (Brasil, 2025).

A norma consolida os programas educativos e culturais como instrumentos estratégicos do plano museológico. Essa visão converge com a nova definição de museu aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2022, p. 3), que define o museu como uma “instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial”, primando pela acessibilidade, inclusão e diversidade.

Sob a ótica da Museologia Social, o museu firma sua responsabilidade comunitária e libertadora. A esse respeito, Moutinho e Primo (2021) assinalam:

> A perspectiva da Museologia Social vem sendo articulada através de diversos atores em segmentos plurais e importa salientar que não

> estamos mais tratando de museus e processos museológicos marginais, mas sim de um movimento global de uma museologia com responsabilidade social no qual estão envolvidos museólogos, comunidades e suas lideranças, agentes que laboram no campo do desenvolvimento local, da educação inclusiva, da investigação científica, militantes e ativistas entre outros. (Moutinho; Primo, 2021, p. 17).

Nesse viés, Vlachou (2013, p. 92) provoca as instituições a superarem a mera concessão de acesso a uma cultura pré-definida, indagando sobre a relevância de criar espaços de acolhimento intelectual e pertencimento junto às comunidades.

Para que a visita educativa ao museu supere a passividade do espectador e promova o protagonismo do estudante, a intencionalidade pedagógica deve dialogar com o conceito de *circularidade dos saberes* proposto por Martinand (2002), uma vez que

> [...] tem a função de escapar do caráter unívoco dos processos de transferência e de difusão. Ela incita a examinar em que medida e como os receptores são também emissores; como, portanto, aquilo que era pensado como aplicação reage sobre a pesquisa. De fato, sempre há encontros e trocas, mais ou menos mediados; a pesquisa não é uma prática isolada. (Martinand, 2002, p. 89).

Ao transpor essa reflexão para o espaço museal, a mediação permite ao estudante retornar aos objetos e temas sob novos olhares, rompendo com a linearidade e transformando a aprendizagem em um processo espiralado de reconstrução conceitual.

A formação docente constitui um processo contínuo e complexo que ultrapassa o adestramento técnico. Ao analisar os desafios do magistério nacional, Gatti e Barreto (2009) destacam:

> A expectativa é que novos modelos de formação continuada sejam gestados, os quais orientem e apoiem o professor no desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva sobre sua ação docente e, ao mesmo tempo, deem condições para que ele possa construir conhecimentos e acumular um cabedal de recursos que lhe permitam desenvolver iniciativas para enfrentar seus desafios profissionais (Gatti; Barreto, 2009, p. 227).

Nesse percurso, a dimensão afetiva desempenha papel estruturante, uma vez que a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem e o papel da afetividade são determinantes para aumentar a eficácia pedagógica e qualificar os programas de

formação docente (Almeida; Mahoney, 2005). Passarelli (2002) acrescenta que a universidade e os espaços formadores precisam incentivar o aprendizado permanente e a convivência com as incertezas:

> [...] a dominância do raciocínio cartesiano tem emperrado a percepção de que melhorar o mundo requer o aprendizado da convivência com os paradoxos. Precisamos aprender que a complementaridade de pontos de vista pode proporcionar saídas transformadoras pelas quais desde sempre ansiamos (Passarelli, 2002, p. 76).

Essas transformações ancoram-se na mobilização dos saberes docentes, especialmente nos saberes experienciais que, segundo Tardif (2002),

> [...] surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais; são, ao contrário, formados de todos os demais, mas retraduzidos, "polidos" e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência (Tardif, 2002, p. 54).

Complementarmente, Vasconcellos (2019, p. 11) reforça que o material pedagógico deve provocar situações ativas de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento de habilidades por meio da manipulação de suportes concretos e lúdicos. Todavia, Vasconcellos (2011, p. 37) pondera que a mediação desenvolvida na escola e no museu deve atuar de forma articulada: "parte-se de uma relação dialógica priorizando as questões do cotidiano dos grupos que se está recebendo e busca-se a participação dos educandos num processo ativo de construção e apropriação de conhecimento

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia ancorada na linguagem teatral (ATOS 1, 2 e 3) permitiu acompanhar a evolução do repertório docente de forma processual e performativa. Com base nos dados recolhidos com 33 professores e 13 mestrandos do Formep/PUC-SP, identificaram-se os diagnósticos centrais do ATO 1 acerca da ligação entre a escola e os espaços museais. A consolidação dos dados dos ATOS 2 e 3 será efetuada no encerramento da pesquisa.

ISSN: 2358-8829

1. Formação Docente e Lacuna Teórico-Prática

Notou-se um défice expressivo na formação inicial e continuada quanto à Educação Museal:

- **63,6% (21 professores):** Nunca receberam orientação teórica ou prática para usar museus na sua prática diária.
- **30,3% (10 professores):** Tiveram apenas abordagens superficiais.
- **6,1% (2 professores):** Contaram com formação específica sobre o tema.

Esta carência reflete-se na insegurança metodológica no momento de planeamento de atividades educativas para museus.

2. Frequência de Visitas e Obstáculos Logísticos e Didáticos

Devido às barreiras estruturais e à falta de formação, 54,5% dos docentes (18 professores) não levaram alunos a museus nos últimos dois anos. Já 33,3% (11 professores) realizaram de 1 a 2 visitas, e somente 12,1% (4 professores) promoveram mais de três visitas.

Além dos entraves de transporte e orçamento na rede pública, sobressaem-se dois grandes desafios pedagógicos:

1. **Gestão de comportamento dos estudantes em espaços não formais:** 36,4% (12 docentes).
2. **Insegurança para realizar a mediação sem o apoio da equipa do museu:** 30,3% (10 docentes).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros do ATO 1 destacam o grande interesse dos professores em qualificar suas práticas pedagógicas no espaço do museu. Mesmo com a pesquisa em fase de sistematização das etapas pós-visita (ATOS 2 e 3), os resultados parciais já trazem contribuições valiosas para a Museologia e a Mediação Cultural.

Construir uma parceria verdadeiramente transformadora entre museus e escolas exige ir além de passeios esporádicos ou recreativos. É preciso estruturar visitas intencionais, capazes de expandir o repertório conceitual, cultural e crítico dos alunos.

Os dados mostram que os educadores buscam protagonismo e autonomia, e não apenas o papel de acompanhantes. Por isso, os setores educativos dos museus devem apostar em mediações compartilhadas e formações prévias que preparem os docentes para liderar essas experiências.

Além disso, essa integração vai além da visita presencial: a alta procura por materiais pedagógicos e maletas itinerantes reforça que o trabalho do museu deve começar antes da visita e continuar no dia a dia da sala de aula.

Por fim, ao expor gargalos práticos como o transporte e a infraestrutura, a pesquisa oferece bases sólidas para articular políticas públicas entre educação e cultura. Somente com o alinhamento entre as instituições e a análise contínua da realidade em campo será possível superar as barreiras de acesso e garantir a democratização da cultura.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO MUSEAL, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, PEDAGOGIA MUSEAL, NOVAS PRÁTICAS EDUCATIVAS, MUSEUS

AGRADECIMENTOS

"Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante..."

Dedico esta pesquisa à minha amada tia/professora de História, Nádia Cristina Dias. Todo o tempo, amor e sabedoria que dedicaste ao ensino e à minha formação floresceram; este trabalho é uma das rosas que colheste de anos de entrega, afeto e incentivo. Obrigado por ser a minha maior inspiração e o meu eterno exemplo de profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Resolução Normativa nº 40, de 03 de dezembro de 2025. Aprova a Política Nacional de Educação Museal – PNEM. Brasília, DF: Ibram, 2025.

COOMBS, Philip Hall; AHMED, Manzoor. Attacking rural poverty: how non-formal education can help. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

DEWEY, John. Las escuelas de mañana. Madrid: Librería de los Sucesores de Hernando, 1918.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Los museos y sus visitantes. Sevilla: Ediciones Trea, 1998.

ICOM (International Council of Museums). Nova definição de museu. Praga: ICOM, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu/. Acesso em: 23 fev. 2026.

MARTINAND, Jean-Louis. La médiation : un concept pour la recherche en didactique ? Aster, Paris, n. 35, p. 89-107, 2002.

MOUTINHO, Mário; PRIMO, Judite (org.). Sociomuseologia: para uma leitura crítica do mundo. Lisboa: Universidade Lusófona / CeiED, 2021.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. Teoria e prática na educação linguística continuada. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Rafael Dias. Criando estratégias educativas nos espaços museais: uma prática inclusiva e significativa para visitantes surdos. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360232291_CRIANDO_ESTRATEGIAS_EDUCATIVAS_NOS_ESPACOS_MUSEAIS_UMA_PRATICA_INCLUSIVA_E_SIGNIFICATIVA_PARA_VISITANTES_SURDOS. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, Rafael Dias. Promovendo a educação inclusiva: museus acessíveis e experiências adaptadas para visitantes com transtorno do espectro autista (TEA). In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 10., 2024. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/111842. Acesso em: 20 mar. 2025.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A Educação Patrimonial nos Museus de Arqueologia e na Arqueologia Preventiva: bases para um diálogo efetivo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, supl. 11, p. 31-39, 2011.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Arqueologia e educação patrimonial: a experiência do MAE-USP. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 27esp, p. 255-279, 2019.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VLACHOU, Maria. Musing on culture: management, communications and our relationships with people. Lisbon: Bypass, 2013.